

## RESENHAS

**THOMPSON, E. P. *Customs in commom.*  
New York: New Press, 1991, 547 páginas.**

Sidnei Munhoz\*

*Customs in Common* é o penúltimo livro do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), que é considerado um dos mais influentes historiadores deste século. Sua influência, no Brasil, fez-se sentir inicialmente através da Unicamp e, posteriormente, pela PUC-SP, e destas espraiou-se por outras universidades brasileiras. Apesar da significativa influência na historiografia brasileira, Thompson teve poucas obras traduzidas para o português (às vezes com atrasos de décadas, como é o caso de sua obra prima *The making of the English working class*,<sup>1</sup> editada aqui 24 anos após sua primeira edição). Lamentavelmente, nem mesmo sua prematura morte motivou a publicação ou mesmo a abertura de maior espaço para a análise de suas obras em cadernos especializados veiculados pela grande imprensa.

Após escrever *The making of the English working class*, Thompson interrompeu os estudos sobre o processo de formação do operariado inglês, no decorrer do século XIX, mergulhando no estudo da cultura popular do século XVIII. Contudo, no início dos anos oitenta, Thompson congelou estas pesquisas, para dedicar-se integralmente ao ativismo pacifista e aos escritos engajados, relativos ao armamentismo e à Guerra Fria. Indagado a respeito da continuidade de seus trabalhos sobre o século XVIII, Thompson prometeu retomá-los futuramente, assim que o perigo do conflito nuclear fosse dissipado.

*Customs in commom* constitui-se no cumprimento da promessa de Thompson, contudo não é uma nova obra, mas a vigorosa revisão dos seus escritos sobre a cultura

\* Professor de História Contemporânea da Universidade Estadual de Maringá. Mestre em História Social pela Unicamp e doutorando pela USP.

1 Thompson, E. P. *The making of the English working class*. Harmondsworth, Penguin Books, 1963. Tradução brasileira: *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (Coleção Oficinas da História).

popular na Inglaterra do século XVIII, acrescida de alguns novos artigos. Nesta obra, o autor retomou o debate com alguns de seus críticos, dentre os quais pode-se destacar John Bohstedt, Istvan Hont, Michael Ignatieff e Dale Williams. São republicados sem qualquer alterações “The moral economy of the English crowd in the eighteenth century”,<sup>2</sup> e “Time, work discipline and industrial capitalism”.<sup>3</sup> Também foi publicada uma revisão do primeiro destes, “The moral economy reviewed. Patrician society, plebeian culture”<sup>4</sup> e “Eighteenth century English society, class Struggle without class?”<sup>5</sup> foram fundidos dando origem a um único artigo, “The Patricians and the plebs. Rough Music” constitui-se em uma revisão detalhada de “Rough Music: Le Charivari anglais”, publicado em 1972. Em “The sale of wives” analisa o costume de venda de esposas, para serviços sexuais ou domésticos, estudando cerca de três centenas de casos, ocorridos principalmente entre 1760 e 1880. Na introdução do livro, denominada “Customs and culture”, estabelece uma sofisticada análise da rede de relações e costumes na formação da cultura popular no século XVIII. Thompson defende a tese da existência de uma forte e enraizada cultura popular, em oposição à idéia, então dominante, de que haveria ocorrido o declínio das tradições populares neste período.

Em *Moral economy reviewed*, Thompson rebateu a crítica de Istvan Hont e Michael Ignatieff de que estava preso à visão smithiana de mercado. Afirma que mercado

- 2 Thompson, E. P. “The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century”, *Past & Present*, 50, february, 1971, pp. 76-131. Neste texto, o autor resgata a complexidade dos motins alimentares, indicando a existência de uma economia moral da multidão e denunciando o economicismo e o mecanicismo profundamente enraizados nas análises marxistas ortodoxas, que vislumbravam, nestas ações, a expressão de uma fase pré-política do movimento operário, caracterizada por ausências sucessivas de classe, partido, vanguarda e consciência de classe.
- 3 Thompson, E. P. “Time, work-discipline, and industrial capitalism”, *Past & Present*, 38, february 1967, pp. 59-97, em que analisa a disciplinarização do trabalhador através da introdução de uma noção de tempo mecânico. As transformações dar-se-iam não apenas no plano tecnológico, mas também em um nível cultural.
- 4 Thompson, E. P. “Patrician society, plebeian culture”, *Journal of Social History*, 7(4):382-405, 1974. Neste texto, Thompson indica que haveria ocorrido, no transcorrer do século XVIII, a dissociação entre cultura plebéia e cultura patricia. Ele acredita que, apesar da hegemonia cultural patricia, muitos costumes plebeus tornaram-se menos visíveis e de difícil decodificação para a *gentry*. Assim, os conflitos emergentes foram adquirindo, crescentemente, contornos de conflito de classes.
- 5 Thompson, E. P. “Eighteenth century English society: class struggle without class?”, *Social History*, 3(2):133-66, may 1978 em que Thompson analisa o processo de formação da classe operária inglesa, com a introdução das noções de hegemonia cultural e paternalismo.

é uma metáfora que mascara os interesses privados dos capitalistas e que, em muitos casos, os *riots* impediram que a escassez provocasse fome generalizada. Sugere, ainda, muito cuidado no emprego do termo mercado, afirmando não entender exatamente o que seria mercado no século XVIII, ou o que possa ser uma economia que não seja de mercado. Thompson vê nos *riots* uma possível estratégia reguladora. Entende que eles abriam mercados fechados nos quais normalmente ocorriam barganhas entre negociantes, obrigando-os a oferecer, no mercado, produtos estocados com o intuito de especular. Denuncia a edulcoração do mercado com uma neutralidade inexistente, considerando-se a apropriação privada de seus benefícios.

Suzanne Desan<sup>6</sup> acredita que Thompson subestimou fatores de natureza sócio-econômica. Para ela, “comunidade” seria mais complexa do que Thompson percebeu, pois ele não teria observado as diferenças internas, as disputas de poder e os diferentes papéis nela desempenhados. Para Desan, economia moral poderia ter diferentes significados para distintos membros da mesma comunidade.

Em seus estudos sobre o século XVIII, Thompson desvendou a existência de uma crescente confrontação entre economia de mercado e economia moral das plebes. No estabelecimento destes conflitos seria tecida uma intrincada rede de resistência à imposição dos novos valores. Ao mesmo tempo consolidar-se-iam valorações nas quais a simbologia dos costumes antigos adquiriria uma nova dimensão social. Para Thompson, neste processo, desenvolveu-se o embrião da formação de classe e de uma consciência de classe.

Thompson entende que até a última década do século XVIII somente pode-se referir à classe social como categoria heurística. Até então haveria a predominância de relações paternalistas, onde a *gentry* exerceria sua dominação através da hegemonia cultural. Contudo, para ele, as plebes foram desenvolvendo práticas defensivas fundadas no direito consuetudinário, obrigando a *gentry* a concessões e compromissos.

Através destas concessões e de uma rede de reciprocidades paternalistas, a *gentry* teria exercido sua dominação. Isto não teria provocado a eliminação dos conflitos, mas sua delimitação. A hegemonia da *gentry* foi capaz de impedir a eclosão de revoluções, mas não evitou a emergência de rebeliões ou desordens pontuais. Desta forma, o preço pago pelas classes dominantes inglesas, para garantir sua hegemonia, conclui Thompson, teria sido a licenciosidade das plebes.

6 Cf. Desan, S. “Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis”. In: Hunt, L. (org). *A nova história cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992, pp. 63-96.

Geoff Eley<sup>7</sup> questiona a tese do paternalismo da *gentry*, pois entende que, entre 1830 e 1840, os radicais atacavam a aristocracia proprietária de terras e a corrupção burocrática e, o homem de classe média opunha-se à legitimação da propriedade das manufaturas e dos comerciantes. Ainda para Eley, há em Thompson uma certa imprecisão conceitual onde, por exemplo, o termo “plebes” ocupa papel semelhante a outros termos como “povo”, “classes baixas” e “populacho”.

Thompson descortinou um século XVIII permeado por conflitos de classes em processo de formação. Ele acredita que este tipo de conflito tornou-se possível em função da fragilidade interna do estado inglês. Respondendo a alguns críticos que questionam a possibilidade da mais moderna, imperialista e poderosa nação haver sido, internamente, uma nação frágil, Thompson afirma que o estado dirigido pelos Whigs constituía-se na realidade em um estado de rapina. Em decorrência, não era organizado como aparato administrativo no exercício do poder de classe, mas como agente de apropriação de recursos e de corrupção. Em outras palavras, era um estado corrupto que possibilitava a apropriação privada de recursos públicos, por parte da burguesia inglesa.

Os conflitos seriam produto da tentativa desenvolvida pelos pobres de manter algum controle sobre o mercado, com base na *Common Law*. Muitos críticos afirmam que Thompson vê rebeldia e contestação onde há apenas crime. Linebaugh corrobora a tese de Thompson ao demonstrar que estaria havendo um processo de criminalização de costumes antigos que entravam em conflito com a nova ordem.

No conjunto dos artigos que compõem *Customs in common*, Thompson resgata o desenvolvimento de estratégias díspares, descontínuas e desconexas que possibilitam a resistência ao estabelecimento de uma nova ordem baseada no mercado livre. Isto aconteceria, principalmente, em decorrência da abolição de direitos consuetudinários provocada pela consolidação da nova ordem. Nestes enfrentamentos, os pobres buscavam apoio nas justificativas morais da *Common Law* para dar suporte a suas práticas contestatórias. Thompson vê rebeldia no recurso a essas tradições, e não uma prática conservadora. Para ele, não existe um retorno ao passado, através destas práticas, pois existe racionalidade e seletividade na escolha de costumes que possam ser utilizados contra a imposição dos novos valores considerados injustos. Entende, ainda, que muitos destes “costumes” eram recentes e constituíam-se em reivindicações por novos direitos.

7 Eley, Geoff. “Edward Thompson, social history and political culture: the making of a working class public, 1780-1850”. In: Kaye, H. e McClelland, K., op. cit., pp. 12-49.

Em que pese o fato desta coletânea de artigos tratar especificamente da Inglaterra do século XVIII e de todo o conseqüente cuidado necessário para não se promover transposições mecânicas, penso que seria extremamente útil a certos repetidores da propaganda neoliberal no Brasil uma leitura atenta destes textos. Desta forma, talvez, pudessem poupar-nos da tediosa repetição de algumas falácias sobre a capacidade auto-reguladora do mercado.